**DATAÇÃO ABSOLUTA**

**\*RESPOSTA -** O texto a seguir corresponde ao capítulo 5 de meu livro (de Michelson Borges) “A História da Vida”, da Casa Publicadora Brasileira. Mais informações podem ser obtidas no livro “Origens” (também da Casa –www.cpb.com.br), ou nos livros da Sociedade Criacionista Brasileira.

 **Nem Tudo Que Parece É**. Podemos confiar nos métodos de datação?

 Você liga a televisão para assistir ao noticiário das oito. As costumeiras notícias – fraudes, acidentes, terremotos, terrorismo, guerras – mostram que o mundo ainda é o mesmo. Você fica pensando que, às vezes, estamos tão acostumados com as más notícias que acabamos nos conformando com tudo e perdendo a capacidade de nos indignar com o mal... De repente, uma outra notícia interrompe suas considerações:

– “Osso de dinossauro com 100 milhões de anos é encontrado no Vale do...”

 Essa é outra questão polêmica. Na escola e nos meios de comunicação, sempre se ouve falar nessas datas tremendamente antigas: milhões e até bilhões de anos. Como podem ter tanta certeza da idade das coisas?

 Provavelmente a primeira tentativa de responder à pergunta sobre a idade da Terra tenha partido do escocês Lorde Kelvin, que acreditava na hipótese nebular da origem do Sistema Solar e opinava que a constante chuva de energia lançada ao espaço pelo Sol fosse o resultado do encolhimento do seu diâmetro. Baseando-se nisso, calculou a idade da Terra entre 20 e 40 milhões de anos. Como Darwin insistia que este tempo era pouco para uma evolução biológica, e como geólogos afirmavam que mais tempo era necessário para concretizar a imensa densidade das rochas sedimentares, os cálculos de Kelvin foram abandonados. Pensou-se, em seguida, em estimar o tempo que deve ter levado para o presente percentual de sal ter-se acumulado nos oceanos. Dependendo do elemento escolhido, a idade da Terra pode variar desde 80 anos (no caso do Césio), até 260 milhões de anos (no caso do Sódio). Depois procurou-se calcular o tempo de formação das rochas sedimentares, utilizando-se como base a atual taxa de sedimentação. Esse método, entretanto, também foi rejeitado por não fornecer idades suficientemente grandes para que pudesse ter ocorrido a evolução biológica de Darwin na Terra.

Outras tentativas de determinar a idade da Terra certamente foram feitas, mas a utilização dos elementos radioativos para datação acabou satisfazendo os evolucionistas. O princípio do funcionamento dos “relógios radioativos” depende, fundamentalmente, da determinação da quantidade de material radioativo existente no objeto a ser datado, e do percentual desse mesmo material que sofreu o processo de decaimento. Por exemplo, se estamos trabalhando com o Urânio, precisamos determinar quais os percentuais de Urânio e de Chumbo (que é o produto do decaimento do Urânio) na amostra analisada. Uma vez que a taxa de decaimento é conhecida, o tempo decorrido desde que o processo começou pode ser calculado, para determinar a idade das rochas.

 Talvez seja necessário falar um pouco sobre decaimento. Pois bem, todos os elementos radioativos têm a propriedade de perder espontaneamente sua massa emitindo partículas ou radiações eletromagnéticas. À medida em que emite essas partículas, o núcleo do átomo pode alterar-se, provocando o aparecimento de outro núcleo diferente. Quando uma substância se desintegra e o átomo formado é também radioativo, haverá novas desintegrações, que se sucederão até o aparecimento de um átomo estável, como o do Chumbo.

O problema é que, para se realizar uma datação por esse método, deve-se ter a garantia de que não havia qualquer quantidade de Chumbo por ocasião da formação da rocha a ser datada, ou então, conhecer a quantidade inicial desse elemento. Como isso é totalmente impossível, cientistas costumam lançar mão de hipóteses a respeito dos percentuais iniciais. Dependendo, porém, das condições iniciais admitidas, a conclusão a respeito da idade da rocha em questão pode variar, desde recente até excessivamente antiga.

 Como se ter certeza de que nem Chumbo, nem Urânio ou Tório foram acrescidos ao sistema, ou dele retirados, desde a época de sua formação? Sabe-se que com o calor tanto o Urânio quanto o Chumbo podem se esvair das formações rochosas, sobretudo se forem rochas sedimentares. O Urânio também se esvai com a água, por processo de lixiviamento, à medida em que esta se infiltra e penetra no solo; mas o Chumbo é praticamente preservado, por ser menos solúvel na água. Bastaria, portanto, que, no passado, um vulcão tivesse entrado em erupção nas proximidades do local onde se encontrava a rocha, cuja idade está sendo pesquisada, e o calor produzido na região poderia permitir que grande parte do Urânio e do Chumbo ali contidos se esvaísse para regiões mais profundas.

 As rochas situadas mais abaixo poderiam, durante esse evento, ter recebido mais Urânio e mais Chumbo das rochas acima. Tais alterações, é claro, teriam se dado fora de qualquer controle e os percentuais finais – de Urânio e Chumbo – certamente não teriam mais nada a ver com os iniciais.

 Alagamentos, chuvas excessivas, ou mesmo o efeito continuado das redes fluviais através dos anos, certamente permitiriam constantes alterações na quantidade de Urânio presente no planeta. Assim, é muito remota, senão impossível, a chance de que as proporções hoje detectadas no laboratório tenham qualquer relação com as iniciais. “Utilizar-se o método Urânio/Chumbo ou qualquer outro método radioativo é sustentar a hipótese absurda de que a rocha a ser datada tenha estado na Natureza, supostamente durante bilhões de anos, como se estivesse em um laboratório, apenas se processando a transformação Urânio/Chumbo.”

 É bom saber, também, que existe grande variação de método para método. Há uma grande diferença no tempo de decaimento dos elementos radioativos. Enquanto o Urânio 238, por exemplo, tem uma meia-vida de 4,5 bilhões de anos, o Urânio 235 tem meia-vida de 0,7 bilhões de anos. O Tório 233 tem meia-vida de 14,1 bilhões de anos. A meia-vida do Rubídio 87 é de 47 bilhões de anos, e do Potássio 40, 1,3 bilhão de anos. De posse destes resultados, os evolucionistas resolveram que o Urânio 238 era o mais adequado à sua teoria. 0,7 bilhão de anos era pouco; 47 bilhões já era muito. Convencionou-se, então, 4,5 bilhões de anos. No fim, foi mais uma questão de escolha.

 E o que é meia-vida? Meia-vida é o tempo necessário para que a massa de uma substância radioativa fique reduzida à metade de seu valor inicial. E como acabei de falar, esse período varia muito de elemento para elemento.

 **Resumindo:** para uma datação correta são necessários pelo menos três fatores:

 1. Conhecerem-se as condições iniciais do processo escolhido.

 2. Conhecer-se o andamento do processo no tempo.

 3. Que nenhum fator ou elemento estranho ao processo tenha interferido ou perturbado seu andamento.

 Partindo-se do modelo criacionista, podem ser preditos processos e modos que poderiam ter influenciado o andamento dos “cronômetros radioativos”, prejudicando consequentemente sua confiabilidade. Por exemplo: (1) distúrbios na crosta e no próprio manto ocorridos durante a semana da criação (3º dia) e durante e após o Dilúvio; (2) a virtual e completa dissolução, pelas águas do Dilúvio, da parte superior da crosta terrestre, obliterando, por assim dizer, as marcas do mundo que então era; (3) a rápida e catastrófica atividade orogênica que resultou na formação de cordilheiras e montanhas; (4) a própria ação do calor e dos resfriamentos e solidificações rápidos ou lentos dele resultantes e as invasões de material ígneo e a conseqüente formação de diques e lacólitos em meio aos terrenos, não poderiam ter deixado intactas as séries radioativas, no que diz respeito ao seu funcionamento como “relógios”.
 Portanto, podem haver enganos, pois “não há como ter certeza de que os produtos radiogênicos resultantes do decaimento do Urânio e do Tório, por exemplo, não estavam presentes nesses minerais quando eles foram formados. Esta possibilidade é sobejamente evidente no caso das rochas vulcânicas modernas. Tais rochas, formadas por fluxos de lava provinda do manto interior da Terra, geralmente contêm Chumbo tanto radiogênico quanto comum, logo que a lava se esfria e os minerais se cristalizam”.2 Assim, ao medirem-se as “idades” de tais rochas, podem-se encontrar milhares ou talvez bilhões de anos quando, na verdade, a rocha teria apenas alguns anos ou meses.

Conclui-se, portanto, que os métodos de datação radioativos (e mesmo o método do Carbono 14, utilizado para materiais orgânicos) determinam não a idade de alguma coisa, mas sim a sua atividade radioativa, ou de decaimento, e foram escolhidos pelo pressuposto de que a Terra é muito velha, com o objetivo de reforçar essa idéia. O astrônomo Carl Sagan expressou bem esse objetivo, quando disse que “os segredos da evolução são morte e tempo – mortes de várias formas de vida imperfeitamente adaptadas ao ambiente, e tempo para uma longa sucessão de pequenas mutações que eram, por acidente, adaptativas, tempo para o lento acúmulo de padrões de mutações favoráveis”.3

**O MÉTODO RADIOCARBÔNICO -** O Carbono 14 forma-se constantemente nas camadas superiores da atmosfera, mediante bombardeio de átomos de Nitrogênio por raios cósmicos. À medida que se desintegram os átomos de Carbono 14, novos átomos se vão constituindo graças aos raios cósmicos, de sorte que a proporção de Carbono 14 em relação ao Carbono 12 (que é estável) se mantém constante. O Carbono 14, por outro lado, desaparece continuamente em virtude de uma emissão beta negativa, na qual um nêutron no núcleo se desintegra num próton, num antineutrino e num elétron. O elétron é expelido num antineutrino, mas o próton permanece no núcleo, que é assim transformado, pela carga positiva do próton, no núcleo de um isótopo estável de Nitrogênio.

Para todos os efeitos, basta entender que, quando um organismo morre, cessa de ingerir Carbono 14, pois não se alimenta mais. O Carbono 14, instável, começa a decair, enquanto o Carbono 12, estável, permanece constante. A diferença entre os carbonos 14 e 12 é usada na datação, pois se sabe que a meia-vida do Carbono 14 é de 5.600 anos. O problema é que é quase inútil se utilizar esse método em idades além de 30 mil anos, e vários fatores (como as explosões atômicas, por exemplo) alteram as taxas de desintegração radiocarbônica.

 Além disso, deve-se lembrar, também, que a própria História encontra-se disponível apenas para uns poucos milênios passados. O início dos registros contendo algo que se aproxime de uma cronologia verificável, data mais ou menos da Primeira Dinastia do Egito (entre 2.200 e 3.500 a.C.). Para manter este problema em sua perspectiva correta, é bom lembrar que ninguém pode saber com certeza o que aconteceu antes que houvesse seres humanos para observar e registrar os acontecimentos (a invenção da escrita se deu por volta de 4 mil antes de Cristo; o que todos concordam). Ciência significa “conhecimento”, e a essência do método científico é a observação.

**ERROS DE DATAÇÃO -** Em 1976, o mergulhador José Roberto Teixeira descobriu, no fundo da Baía de Guanabara, duas ânforas cobertas de ostras. Os dois vasos, cobertos de cracas, foram submetidos à análise por especialistas, e chegou-se à conclusão de que eram duas peças legítimas do artesanato romano de 2.200 anos atrás, e que jaziam no fundo da Baía desde aquela época.

 Em 1978, dois anos após a descoberta, o Smithsonian Institute, dos Estados Unidos, examinou as peças e chegou à conclusão de que ambas provinham do Mar Egeu, pelo fato de não ter sido possível que houvessem sido fabricadas na América (isso foi documentado pelo jornal O Estado de São Paulo, de 11/02/1978). Em outubro de 1982, o arqueólogo norte-americano Robert Marx, responsável por 26 expedições científicas, autor de 30 livros e de mais de 400 artigos sobre arqueologia, confirmou a autenticidade das ânforas da Baía de Guanabara. Logo em seguida, o jornal The New York Times publicou a notícia do achado, dando repercussão internacional ao assunto. O Dr. Harold E. Edferton, do Massachussets Institute of Technology, deu a palavra final sobre a autenticidade e a antigüidade das ânforas romanas, que permanecem custodiadas pelo depósito do Instituto Brasileiro de Arqueologia (isso encontra-se no Jornal do Brasil do dia 28/03/1983). Logicamente, como salientou o ilustre professor Fausto Cunha, membro do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, “o achado se reveste da maior importância para a cultura e para a História”.

 Várias teorias foram formuladas, mas a que logo alcançou credibilidade foi a de que os romanos teriam estado na aprazível Baía sete séculos antes de Pedro Alvares Cabral. Essa hipótese revolucionaria por completo a história do Brasil, das Américas e das navegações antigas. Teriam os romanos precedido os espanhóis, portugueses e até os fenícios, a singrarem os mares nunca dantes navegados?

O que todos se perguntavam era o que estariam fazendo duas ânforas romanas há 2.200 anos no fundo da Baía de Guanabara? Quem as teria deixado ali? Com que propósito?

 A história era cheia de fascínio, e continuava a atiçar a imaginação dos estudiosos, até que veio a ser publicado um livro pelo Sr. Américo Santarelli, italiano radicado no Rio de Janeiro, mergulhador profissional e industrial. Para desencanto geral, as duas ânforas não eram romanas. Haviam sido fabricadas, a pedido de Santarelli, por um oleiro português, que tinha sua oficina em São Gonçalo. Haviam sido feitas com outras 18 ânforas iguais por encomenda do próprio Santarelli, que depositou 16 delas em locais diferentes da Baía de Guanabara, a fim de envelhecê-las para decorar sua casa em Angra dos Reis. Para provar o que dizia, Santarelli mergulhou de novo e trouxe oito ânforas à tona. As autoridades calaram-se ante a evidência. Os meios de comunicação esqueceram o assunto. Infelizmente, não existe muito interesse nas exceções.

 Não quero com esse relato depreciar a pesquisa científica, afinal, errar é humano. Quero, contudo, destacar o fato de que a ciência humana tem suas limitações e que os métodos de datação nem sempre são assim tão confiáveis.

Analisemos ainda algumas outras incoerências.

 Através do método de datação do Urânio, cientistas obtiveram datas de 169 milhões de anos e de três bilhões de anos para dois escoamentos de lava no Havaí. Entretanto, estes escoamentos ocorreram há menos de 200 anos (1800 e 1801, respectivamente).

 A argamassa do Castelo de Oxford, na Inglaterra, tem a idade de 7.370 anos pelo método do Carbono 14 (ou Radiocarbono), quando, na verdade, o castelo foi construído há 802 anos.

 O método do Carbono 14, quando aplicado a um mastodonte, indicou uma diferença de 750 anos entre a morte dos tecidos externos e a dos tecidos internos. A camada externa da presa datava de 7.820 anos a partir da morte, enquanto o interior do animal revelou que morreu 750 anos mais tarde. Imagine a agonia deste pobre animal!4

 Árvores nas proximidades de um aeroporto tinham idades radiocarbônicas na ordem de 10 mil anos, embora fosse sabido não terem mais que algumas décadas. Fica evidente aqui a contaminação pelos gases expelidos dos aviões.

 A literatura relacionada a este método de datação relata o caso de uma tartaruga aquática que vivia na fonte Montezuma, no Arizona. A criatura se alimentava, em grande parte, do material associado à água fóssil do poço artesiano que supria a fonte. Ao morrer, sua idade radiocarbônica foi estimada em 15 mil anos! Obs.: Água fóssil é uma água com pouquíssimo ou nenhum Carbono 14. E, no caso de Montezuma, a água tinha 21.420 anos radiocarbônicos.

 Falando em água, verificou-se que as conchas de moluscos vivos podem apresentar idades radiocarbônicas de até 2.300 anos. Isso parece indicar algum tipo de troca de Carbono entre esses organismos e depósitos de carbonato com pouco ou nenhum C-14. Se essa possibilidade é real – isto é, troca de carbono entre o organismo e qualquer fonte de Carbono deficiente em C-14 – então, é claro que a “idade” radiocarbônica desse organismo será grande demais. E o inverso (datas que são recentes demais) também acontecerá pela permuta de carbonato-iônio em lagos de água doce que passam a ter alta alcalinidade e tendem, assim, a absorver dióxido de carbono do ar.

 Os trabalhos do Dr. Louis Payen sobre Carbono 14 demonstraram que a contaminação por Carbono 12 dos esqueletos enterrados produz cifras excessivas para a idade calculada pelo método C-14. Payen primeiro descontaminou os ossos e depois aplicou-se o método do C-14 a todos os esqueletos pré-históricos de altas idades na Califórnia (alguns com mais de 30 mil “anos” C-14) e percebeu que nenhum excedia a 4.900 anos C-14. Segundo o Dr. Clyde L. Webster Jr., pesquisador do Geoscience Research Institute (Loma Linda University; Loma Linda CA 92350, EUA), a idade de Potássio/Argônio de uma corrente vulcânica do Monte Rangitoto em Aukland, Nova Zelândia, é calculada em 485 mil anos. No entanto, essa erupção destruiu um bosque cujas árvores têm uma idade radiocarbônica menor que 300 anos (El Gran Interrogante: Los Origenes, compilación de exposiciones y ponencias, Primeras Jornadas Iberoamericanas de Creacionismo, Universidad Adventista del Plata, 9 al 13 de febrero de 1997, pág. 88).

 A revista Isto é, do dia 15 de janeiro de 1992, publicou uma nota até cômica, sob o título: “O conto do pré-histórico.” Diz o texto: “O homem do gelo, um corpo descoberto em setembro do ano passado nas montanhas do Tirol e identificado como o mais antigo homem pré-histórico encontrado na Europa, pode ter sido um dos monumentais enganos da arqueologia em todos os tempos. ‘Pré-histórico nada. O corpo é do meu pai, que foi pescar ali no início dos anos 70, se perdeu e nunca mais voltou’, garantiu uma suíça em carta publicada na quinta-feira, 9, pelo diário La Suisse, de Genebra. A mulher, que não teve seu nome divulgado, reconheceu os traços do pai em fotografias e exigiu do governo austríaco a devolução do corpo – atualmente guardado na Universidade de Innsbruck – para sepultá-lo. Exames atribuíram ao corpo entre 4,6 mil e 8 mil anos.” É uma pena que para isso a imprensa dedique apenas uma nota.

 O arqueólogo Säve Söderbergh referiu-se às atitudes comuns entre seus colegas nos seguintes termos: “Se uma datação radiocarbônica apoia nossas teorias, nós a colocamos no texto; se ela não contradiz frontalmente, colocâmo-la no rodapé e, se for discrepante, simplesmente não a mencionamos.”5 Bastante tendencioso, não?

E sobre a idade da vida Terra? O criacionista clássico, fundamentado na Bíblia, admite que a vida na Terra tenha cerca de 6 a 10 mil anos. Assumindo a origem da população humana com Noé, e admitindo um crescimento médio anual da ordem de 0,5% (hoje ele situa-se em torno de 2%) para assimilar guerras, epidemias, pragas, baixo nível de conhecimento e outros fatores que fazem baixar o nível de crescimento populacional, 4.300 anos seriam suficientes para ser atingida a atual população da Terra. Um crescimento médio de 0,35% ao ano, desde Noé até Cristo, permitiria que a população mundial atingisse os supostos 300 milhões de habitantes daquele tempo. Por outro lado, se a espécie humana tivesse um milhão de anos de existência, como dizem, mesmo a pequena taxa de crescimento médio de 0,1% ao ano, faria surgir um número fantasticamente grande de habitantes, os quais nem todo o Sistema Solar poderia conter!

**GEOCRONÔMETROS ALTERNATIVOS -** Radiohalos de Polônio. É interessante notar que o comportamento dos elementos radioativos nem sempre promove, em todos os casos, a idéia de uma Terra extremamente antiga, como querem os evolucionistas. R. V. Gentry, incontestável perito mundial em halos radioativos, percebeu isso. Os radiohalos (ou halos radioativos) correspondem a microscópicas feições encontradas preferencialmente em biotita, um dos minerais essenciais das rochas graníticas. Essas minúsculas estruturas são originadas pela emissão de partículas alfa, a partir de um pequeno grão de material radioativo. No seu trajeto, essas partículas danificam a porção mineral circunjacente. Tendo em vista o contínuo processo de desintegração radioativa de “pai” para “filho”, partículas alfa com energias ou velocidades diferenciadas são produzidas, gerando então uma estrutura equivalente a várias esferas concêntricas, cujo centro conteria o referido grão radioativo.

 Segundo o próprio Gentry, sua maior descoberta foi verificar a presença de radiohalos de Polônio, de origem primária, em granitos pré-cambrianos (0,6 a 4,6 bilhões de anos). Acrescentando-se à descoberta o fato de que os halos radioativos só são preservados a temperaturas inferiores a 300°C, chegou a seguinte conclusão: os granitos “pré-cambrianos” foram criados a baixa temperatura e de maneira praticamente instantânea, afinal, a meia-vida do Polônio218 é de apenas três minutos! A evidência era tão grande que Gentry passou a considerar-se criacionista.

 Gentry descobriu que os granitos tiveram de ser criados de forma rápida e à frio. Para o pesquisador, o granito “pré-cambriano”, ou embasamento cristalino primordial da crosta terrestre, teria sido criado por Deus no primeiro instante (tempo inferior a três minutos) do primeiro dia da criação, há cerca de 6 mil anos.6

 Enfraquecimento do campo magnético terrestre. Existe ainda um outro geocronômetro um tanto diferente, porém, muito importante. Baseia-se na intensidade do campo magnético da Terra. Esta evidência é encontrada em um estudo feito pelo Dr. Thomas G. Barnes, professor de Física na Universidade do Texas, em El Paso. O Dr. Barnes é autor de muitos artigos nos campos de física atmosférica, e de um livro-texto amplamente usado nas universidades acerca de eletricidade e magnetismo.

 Ele diz que a intensidade do campo magnético (isto é, o seu momento magnético) tem sido medida cuidadosamente durante 135 anos; e também tem sido demonstrado, através de estudos analíticos e estatísticos, que ele está declinando exponencialmente durante esse período com uma meia-vida bastante provável de 1.400 anos. Isso significa que o campo magnético terrestre era duas vezes mais forte há 1.400 anos do que agora, quatro vezes mais forte há 2.800 anos, e assim por diante. Assim, há sete mil anos ele deveria ser 32 vezes mais forte do que agora. É quase inconcebível que ele pudesse jamais ter sido mais forte do que isso. Assim, há 10 mil anos, a Terra teria um campo magnético tão forte quanto o de uma estrela magnética! E isso é totalmente impossível.

As estrelas magnéticas têm processos termonucleares com que estabelecem e mantêm campos magnéticos com essa intensidade, mas a Terra não conta e nunca contou com essa fonte energética. O Dr. Barnes demonstra, sem sombra de dúvida, que a única fonte possível para o magnetismo da Terra devem ser as correntes elétricas que circulam livremente em seu núcleo férreo. As correntes elétricas, porém, precisam fluir contra alguma resistência, e tal resistência gera calor, que então é dissipado através do meio circundante, e se perde. Tais correntes devem decair gradualmente por causa dessa perda de calor e isto é a razão para o declínio do seu campo magnético induzido.

 Assim, dez mil anos parece ser o limite máximo para a idade da Terra, de acordo com o declínio atual do seu campo magnético. Quaisquer objeções a esta conclusão precisam ser baseadas na rejeição do mesmo pressuposto uniformitarista – de que o presente seria a chave do passado – que os evolucionistas desejam manter e empregar em qualquer processo através do qual possam, assim, chegar a uma idade avançada para a Terra.

Poeira lunar. Para muita gente a Lua tem aproximadamente a mesma idade do planeta ao redor do qual orbita. Se for assim, podemos dizer que ambos – Terra e Lua – são mais novos do que se pensa. Quando a NASA (Agência Espacial Norte-Americana) preparava o módulo que iria pousar pela primeira vez na Lua, equiparam-no com pés providos de grandes pratos, no centro dos quais havia um pino. O propósito de pés tão estranhos – semelhantes às pontas das hastes usadas pelos esquiadores – era manter o módulo lunar estável ao pousar. Os cientistas da NASA acreditavam que havia uma grossa camada de poeira na superfície da Lua, afinal, durante supostos bilhões de anos o satélite estivera recebendo todo tipo de detritos do espaço. E como praticamente não há erosão na atmosfera rarefeita da Lua, a poeira deveria estar lá.

 A grande surpresa veio quando, em 1969, o módulo Eagle pousou na superfície lunar, oscilando levemente. Logo em seguida, o astronauta Neil Armstrong pisou a superfície cinzenta. Seus pés afundaram poucos milímetros. Onde estava espessa camada de poeira?

(Poeira espacial interplanetária é continuamente depositada na superfície da Lua numa média de mais de 14.300.000 toneladas por ano. Caso a Lua tivesse realmente os quase cinco bilhões de anos a ela atribuídos, deveria haver lá uma camada de 132 a 297 metros. No entanto, verificou-se que essa camada de poeira vai de 0,5 a 8 centímetros, o que daria uns 7 a 8 mil anos para o nosso satélite natural, aponta o geofísico e astrofísico Dr. Harold S. Slusher.)

O encolhimento do diâmetro solar também provê uma evidência à respeito da idade do Sistema Solar que deve ser considerada. Desde 1836, mais de cem observadores diferentes do Observatório Naval dos Estados Unidos e do Observatório Real de Greenwich tiraram medidas visuais diretas que mostram que o diâmetro do Sol está encolhendo a uma média de 1,52m por hora (o que é quase imperceptível, devido a seu tamanho). Os registros de eclipses solares sugerem que esse relativamente rápido encolhimento tenha acontecido pelo menos nos últimos 400 anos. Até onde os pesquisadores conhecem, essa média tem sido constante desde a “formação” do Sol.

Utilizando as informações mais conservadoras, parece que o Sol teria o dobro de seu tamanho atual há 100 mil anos. Há 20 milhões de anos, a superfície solar estaria tocando a Terra. Os especialistas concluíram que há “apenas” 1 milhão de anos ou menos o Sol teria sido tão grande que não poderia ter existido vida no planeta; e, portanto, não poderia ter havido evolução biológica alguma. Argumentar que esse encolhimento solar pode ter sofrido variações ao longo dos milênios é negar, uma vez mais, o princípio evolucionista de que “o presente seria a chave do passado”.

Respondido por: MICHELSON BORGES – Jornalista, escritor e Teólogo.

 **Perceberam que o DILÚVIO, por si só, já impossibilitou qualquer datação pelos métodos radioativos?**